

Via Atlântica

USP UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Jacques Marcovitch

Vice-Reitor: Adolpho José Melfi

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Francis Henrik Aubert

Vice-Diretor: Renato da Silva Queiroz

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Chefe do Departamento: Maria Helena Nery Garcez

Vice-Chefe: Benjamin Abdala Junior

ÁREA DE ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Coordenador: Benjamin Abdala Junior

Vice-Coordenadora: Maria Helena Nery Garcez

Via Atlântica / Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos.
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Uni-
versidade de São Paulo - n. 2 (1999) -.- São Paulo : Depar-
tamento, 1999.

Anual

ISSN 1516-5159

1. Língua portuguesa 2. Literatura de expressão portugue-
sa 3. Literatura comparada I. Universidade de São Paulo. Fa-
culdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos.

CDD-469

869

Via Atlântica

Publicação da Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

n. 2

São Paulo

1999

<i>Editores</i>	Benjamin Abdala Junior Elza Miné Nádia Battella Gotlib
<i>Conselho Editorial</i>	Ana Paula Ferreira Benjamin Abdala Junior Carlos Reis Elza Miné Isabel Pires de Lima João Alexandre Barbosa Maria Aparecida de C. Brando Santilli Nádia Battella Gotlib
<i>Conselho Consultivo</i>	Antonio Dimas Benilde Justo Lacorte Caniato Cleonice Berardinelli David Jackson (EUA) E. M. de Melo e Castro Ettore Finazzi-Agrò (Itália) João Adolfo Hansen Jorge Fernandes da Silveira Fátima Mendonça (Moçambique) Fernando Martinho (Universidade de Lisboa) Helder Macedo(Inglaterra) Laura Cavalcante Padilha Lélia Parreira Duarte Maria Helena Nery Garcez Maria Luiza Ritzel Remédios Maria Lúcia Pimentel de Sampaio Góes Maria dos Prazeres Gomes Maria dos Prazeres Mendes Marisa Lajolo Nelly Novaes Coelho Pepetela (Angola) Ria Lemaire (França) Rita de Cássia Natal Chaves Roberto de Oliveira Brandão Sandra Nitrini Suely Fadul Villibor Flory Tania Celestino de Macêdo Vilma Arêas
<i>Revisão de texto</i>	Susanna Ramos Ventura

Editoração Eletrônica: Lato Senso – Editora de Textos
Foto da Capa: Mameluca, Albert Eckhout
Impressão e Acabamento: Cromosete Gráfica e Editora Ltda.

Endereço para correspondência:
Rua do Lago, 717
São Paulo – SP
CEP 05508-900
Fone: (011) 211-4214

Via Atlântica, n. 2, 1999
Esta publicação conta com auxílio financeiro da CAPES

sumário

Editorial 7

Em memória de Amora

Maria Aparecida Santilli 10

DEPOIMENTOS

Portugal-Brasil: a memória pede meia sombra

Agustina Bessa-Luís 14

Portugal, de minha varanda

Alberto da Costa e Silva 20

DOSSIÊ: LITERATURA FEMININA

Júlia Lopes de Almeida e Maria Amália Vaz de Carvalho: vozes femininas?

Ana Helena Cizotto Belline 42

Narrativas de viagem de Nísia Floresta

Constância Lima Duarte 58

Orlanda Amarílis, literatura de migrante

Benjamin Abdala Junior 76

Inquietos olhares: a construção do processo de identidade nacional
nas obras de Lídia Jorge e Orlanda Amarílis

Jane Tutikian 90

Mulheres de Érico

Flávio Aguiar 98

Repensar o feminino: o *Montedemo*, de Hélia Correia

Claudia Pazos Alonso 108

O discurso em crise na literatura feminina portuguesa

Nelly Novaes Coelho 120

OUTROS ENSAIOS

A poesia “límica” de Anchieta	
<i>Roberto de Oliveira Brandão</i>	130
Machado de Assis, o Instinto de Nacionalidade e Nós	
<i>Eugénio Lisboa</i>	144
Machado e Eça ou a mão e a luva: tótem e não tabu	
<i>Maria Manuel Lisboa</i>	150
Um diálogo ibero-americano: Cervantes, Garrett e Machado	
<i>Maria Augusta da Costa Vieira</i>	160
Bilac em Lisboa	
<i>Antonio Dimas</i>	174
A difícil arte de não sentir e não pensar: uma aproximação aos haicais em língua portuguesa	
<i>Haqira Osakabe</i>	190
Os desassossegos de Fernando Pessoa	
<i>Renata Soares Junqueira</i>	202
Pepetela: romance e utopia na história de Angola	
<i>Rita Chaves</i>	216
Lisboa: a cidade <i>visível</i> de David Mourão-Ferreira	
<i>Tania Franco Carvalhal</i>	234

INÉDITOS

Cinco cartas inéditas de Camilo Castelo Branco a Faustino Xavier de Novais	
<i>Miguel Salles</i>	242

RESENHAS

Mar me quer: a outra face da lua	
<i>Ana Claudia da Silva</i>	266
Viril sagacidade: um distinto contorno feminino	
<i>Ricardo Iannace</i>	270
Notas não biográficas sobre a biografia de Fernando Pessoa, estranho estrangeiro de Robert Bréchon	
<i>E. M. de Melo e Castro</i>	276
Dissertações e teses defendidas no programa de <i>Estudos</i> <i>Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa</i> (FFLCH-USP)	283

editorial

Via Atlântica, neste seu segundo número, continua a executar o seu projeto de levar aos estudiosos, do Brasil e do exterior, resultados de investigações desenvolvidas por especialistas na área de estudos culturais ligados a comunidades de língua portuguesa, privilegiando, assim, matéria que se refere às culturas africana, brasileira e portuguesa.

Atenta às especificidades da cultura dos países de língua portuguesa, em continente americano, africano e europeu, oferece estudos específicos referentes à literatura produzida em tais territórios, examinada nas suas múltiplas interrelações, de uma perspectiva comparativista.

Este segundo número abre-se com uma justa homenagem, “Em memória de Amora”, assinada por Maria Aparecida Santilli. O Professor Antonio Soares Amora, que dirigiu os estudos de Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo durante décadas, permanece na lembrança de todos nós – alunos e colegas – como profissional competente e companheiro dedicado.

O Brasil, visto por um olhar português, e Portugal, visto por um olhar brasileiro, encontram-se na seção de Depoimentos. Agustina Bessa-Luís recupera da memória imagens e fatos do Brasil, num ensaio lírico que atesta a experiência de compreensão e fruição da cultura do outro. E Alberto da Costa e Silva visita as diferentes presenças de Portugal no Brasil, desde os primeiros viajantes aos tempos atuais, destacando os diferentes modos pelos quais tais presenças firmaram-se em território brasileiro.

No conjunto que compreende o Dossiê: Literatura Feminina, encontram-se sete artigos que têm, como eixo de suas considerações, justamente a questão da literatura feita por mulheres, seja no Brasil, Portugal ou África. Alguns destes artigos detêm-se especificamente numa só escritora de algum desses continentes, embora as interrelações com outras culturas, de língua portuguesa ou não, também estejam presentes; outros, detêm-se especificamente na leitura comparada de duas ou mais autoras, de um ponto de vista mais sistematicamente comparativista.

No primeiro conjunto, Constância Lima Duarte aborda as narrativas de viagem de Nísia Floresta, viajante “ilustrada” que percorreu alguns países da Europa em experiência de importância na formação cultural da escritora que é considerada a primeira feminista brasileira; Benjamin Abdala Junior analisa o caráter migrante de contos da caboverdiana Orlanda Amarílis, problematizando a perspectiva feminista da autora, que se desenvolve mediante tensão entre a atualidade lisboeta e um passado em território natal africano; Claudia Pazos Alonso, a partir da análise das imagens mitológicas e religiosas em romance de Hélia Correia, demonstra como é forte no romance a tradição cultural machista na cultura portuguesa, abrindo perspectivas então para se repensar a questão do feminino; Flávio Aguiar analisa a importância das personagens femininas na obra de Érico Veríssimo, mostrando os cuidados do autor na construção de tais personagens, fortes e complexas; e Nelly Novaes Coelho desenha um percurso da literatura feminina portuguesa a partir dos anos 50, detendo-se nas suas implicações políticas e nas principais tendências experimentais.

No segundo conjunto, o cotejo se dá entre a obra de escritoras de Portugal, Brasil e África. As diferenças entre a escritora portuguesa Lídia Jorge e a africana Orlanda Amarílis são mapeadas por Jane Tutikian, a partir da visão de nacionalismo que se constrói num Portugal contemporâneo e no arquipélago caboverdiano. A obra da brasileira Júlia Lopes de Almeida e da portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho são analisadas por Ana Helena Cizotto Belline, em função da ruptura – ou não – de modelos tradicionais referentes à situação da mulher nos respectivos contextos sociais.

As nove colaborações que figuram na seção seguinte, *Outros Ensaios*, distribuem-se em artigos que abordam uma produção literária variada, composta por autores portugueses, africanos e brasileiros de diferentes períodos de produção.

O período colonial é examinado a partir da poesia lírica de Anchieta, por Roberto de Oliveira Brandão, que ressalta as sutilezas expressivas dessa poesia que procurava atender ao forte compromisso religioso em terras do novo mundo.

Machado de Assis aparece em três colaborações. Na condição de autor de célebre artigo sobre o instinto de nacionalidade, instiga a reflexão de Eugénio Lisboa a respeito da nacionalidade do próprio Eugénio Lisboa, enquanto moçambicano, português e inglês, em experiência pessoal de nacionalidade, que contrapõe à frieza de certas postulações teóricas. O cotejo entre Machado e Eça surge no artigo de Maria Manuel Lisboa, mostrando os vínculos de uma filiação edipiana de Machado a Eça. E o artigo de Maria Augusta da Costa Vieira aborda as relações entre Garrett e Machado a partir do *Quixote*, de Cervantes, mostrando a relação de poder entre narrador e leitor presente na obra desses autores.

As relações culturais entre Brasil e Portugal, incluindo aí as relações entre Bilac e Eça de Queirós, são problematizadas no artigo de Antonio Dimas, que examina a presença de Bilac em Lisboa considerando as viagens que o poeta até lá fez, crônicas que a esse respeito escreveu e notícias de periódicos da época.

A literatura de Fernando Pessoa é examinada em dois artigos. Haquira Osakabe considera a poesia de Caeiro, que tem por meta o não pensar e não sentir, como um motivo que o conduz à reflexão sobre a forma brevíssima e descondicionada dos haikais em língua portuguesa. E Renata Soares Junqueira, considerando a diversidade das leituras do *Livro do Desassossego*, examina como a descoberta de novos ‘autores’, incluindo aí Bernardo Soares e Vicente Guedes, acaba por redimensionar tomadas críticas anteriores.

A literatura africana contemporânea é examinada por Rita Chaves, ao estabelecer conexões entre a forma romanesca e a história de Angola, tendo como objeto de análise a obra de Pepetela.

Finalmente, a cidade de Lisboa reaparece através da poesia de David Mourão-Ferreira, em análise de Tania Franco Carvalhal. Este artigo encerra a parte de ensaios com uma oportuna homenagem em memória do escritor português David Mourão-Ferreira.

A seção reservada a Inéditos traz cinco cartas de Camilo Castelo Branco dirigidas a Faustino Xavier de Morais, em criteriosa edição crítica e com estudo de Miguel Salles.

E a seção de Resenhas inclui três apreciações críticas. A primeira aborda “um conto grande ou um romance pequeno”, *Mar me quer*, do escritor moçambicano Mía Couto, por Ana Claudia da Silva. A segunda, o livro de ensaios de Walnice Nogueira Galvão, *A Donzela-Guerreira, um estudo de gênero*, por Ricardo Iannace. E a terceira, *Fernando Pessoa estranho estrangeiro, uma biografia*, de Robert Bréchon, por E. M. de Melo e Castro.

Numa última seção, com o objetivo de divulgar a produção acadêmica em torno dos *Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa*, são listadas as dissertações e teses defendidas nesse Programa de Pós-Graduação da FFLCH-USP, com dados referentes a cada trabalho que incluem: título, autor, orientador, data de defesa, resumo feito pelos respectivos autores – dados estes reunidos por Laura Taddei Brandini.

Como última observação, registre-se que, na preparação dos textos para esta publicação, optou-se por conservar a norma ortográfica adotada pelos seus respectivos autores, que, portanto, seguem as normas em vigor ou em Portugal, ou no Brasil, ou nos países africanos de língua oficial portuguesa.

Os Editores

Em Memória de Amora

Maria Aparecida Santilli*

* Universidade de São Paulo.

Quando se cuida de consignar acontecimentos eminentes, para conferir perfil histórico a indivíduos de grata lembrança na vida de uma comunidade, pode-se optar pela maneira mais freqüente: enumerar suas ações, ajustá-las na ordem de desígnios de uma biografia.

As iniciativas dessa natureza, dedicadas a Antônio Augusto Soares Amora, centraram-se, quase sempre, na imagem do professor emérito da Universidade de São Paulo, desta ex-aluno e primeiro docente brasileiro de Literatura Portuguesa ou, preferencialmente e com pertinência, em seu trabalho acadêmico, isto é, de aplicação ao ensino e à pesquisa, à publicação de livros sobretudo voltados para a formação na área da Literatura que nunca abandonou: *O Nobiliário do Conde D. Pedro* (1948), *D. Duarte e "O Leal Conselheiro"* (1948), *Manuel Pires de Almeida: um Crítico Inédito de Camões* (1955), *Presença da Literatura Portuguesa - O Simbolismo* (1961), *Teoria da Literatura* (1944), *Introdução à Teoria da Literatura* (1970), *História da Literatura Brasileira* (1955), *Literatura Brasileira: o Romantismo* (1967).

Mas, quando se trata de quebrar o silêncio próprio da mágoa por sua partida derradeira, a alternativa menos penosa estará, talvez, em celebrar, com poucas palavras, um sentido indelével que ficou para quantos alcançaram o privilégio de ter parte em sua pródiga existência.

Que sejam, então, algumas palavras em memória de Amora pelo seu viés de homem fundador: o fundador do Instituto (hoje Centro) de Estudos Portugueses da USP (1954), o co-fundador da Fundação Padre Anchieta (1969) e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (1969).

Pode-se invocar uma série de palavras que, também neste caso, dêem conta de significar os matizes da ação de fundar: construir, ou edificar; alicerçar, ou firmar; originar, ou inventar.

A energia fundadora de Amora consubstanciava-se, entretanto, por uma virtualidade de poeta que em toda circunstância soube cultivar: para Amora, fundar sempre rimou com comunicar e congregar. Sua proclamada facilidade de convivência particularizava-se pelas raízes no profundo respeito por todos, origem da lhanza de trato com pessoas das mais diversas procedências sociais/culturais. Sua afabilidade tornava-se cimento para os desígnios de uma inteligência aberta à união que conduz à sólida ação plural de fundar.

Afinal, não terá sido essa a grande humana lição que deixou?

depoimentos

